

IDENTIDADE LUTERANA NO CONTEXTO PÓS-CRISTÃO¹

Dr. Christoph Barnbrock²

TEMPOS DESAFIADORES

É muito interessante que para minha pessoa, expressamente um conferencista do contexto germânico, se peça para falar sobre a identidade luterana num contexto pós-cristão. Será que realmente podemos dizer que a Alemanha, que é a parte do mundo na qual o Sacro Império Romano da Nação Alemã tinha seu centro, na qual Martinho Lutero trabalhou, que Johann Gerhard desenvolveu sua teologia, Paul Gerhardt escreveu seus hinos e do qual os cristãos com diferentes motivos emigraram para a América, África e Austrália – que este país agora se tornou pós-cristão?

Sim, muitas coisas mudaram. Há dois anos, o 500º aniversário da Reforma foi comemorado em muitos lugares da Alemanha. Naquela época, quase 45 milhões dos 83 milhões de alemães pertenciam a uma das grandes igrejas cristãs – pelo menos mais do que 50% de toda a população.

Este ano, as duas maiores igrejas da Alemanha publicaram previsões científicas segundo as quais, em 2035, apenas 35 milhões, ou seja, consideravelmente menos da metade de todos os cidadãos, pertencerão a uma das duas principais igrejas. Em 2060, apenas pouco menos de 23 milhões pertencerão a

1 Apresentação na 7ª Conferência Mundial de Seminários do Conselho Luterano Internacional, na cidade de Baguio, Filipinas. Texto traduzido pelo professor Anselmo Ernesto Graff.

2 Professor na Escola Superior de Teologia Luterana em Oberursel, Alemanha.

uma dessas igrejas maiores, o que significa que apenas um pouco mais de um quarto da população fará parte dessas instituições.³

Aqueles que não estão familiarizados com o contexto alemão, devem saber que todas as outras denominações cristãs na Alemanha, com exceção das duas principais igrejas, são irrelevantes do ponto de vista estatístico. Com o desenvolvimento *dessas duas igrejas* – estatisticamente – o desenvolvimento do *Cristianismo* na Alemanha também está, de fato, delimitado. Agora, é importante ser cauteloso com as projeções estatísticas, uma vez que desenvolvimentos que ainda desconhecemos podem começar. Ações de Deus, que podem dar novos começos, devem ser consideradas. Mas – humanamente falando – nós devemos lidar com os desenvolvimentos já delineados, especialmente porque, no passado, tais prognósticos eram apropriados.

Infelizmente, também é verdade que as tendências que surgiram nas principais igrejas tiveram um efeito semelhante na Igreja Evangélica Luterana Independente. Não existe a “Ilha dos Benditos” para os cristãos confessionais luteranos na Alemanha.

Esses são tempos desafiadores em que nós, como cristãos luteranos, vivemos e viveremos na Alemanha. Minha apresentação pretende nos ajudar a falar sobre essas circunstâncias, para que nós, na Alemanha, possamos aprender com nossos parceiros do luteranismo confessional global e, quem sabe, você também possa se beneficiar dessas reflexões se tendências similares surgirem em seu contexto – talvez com um atraso maior.

FENÔMENOS DO MEU CONTEXTO PÓS-CRISTÃO

No entanto, formulações como “pós-cristão” devem ser usadas com cautela. Por um lado, a situação descrita por esta terminologia não é tão clara assim. Pois não é o caso de que na Alemanha a última igreja fechou e o último cristão deixou o país. O pós-cristão, portanto, não deve ser entendido como se o cristianismo na Alemanha fosse apenas um fenômeno do passado.

O fato é que as *condições de enquadramento* em que a vida cristã ocorre na Alemanha mudaram. As igrejas cristãs perderam a autoridade. Outros fatores também entraram em campo. Estes são novos parâmetros aos quais as igrejas

3 Projeção a longo prazo dos membros da igreja e das receitas fiscais da igreja na Alemanha. Um estudo do Centro de Pesquisa para Contratos Intergeracionais na Universidade Albert-Ludwig- de Freiburg. Disponível em: <https://www.ekd.de/ekd_de/ds_doc/projektion-2060-ekd-vdd-factsheet-2019.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2019.

cristãs devem se ajustar e que moldam a vida dos cristãos.

Por outro lado, o termo “pós-cristão” refere-se unilateralmente ao passado. Ele sugere que o que molda a sociedade na Alemanha de hoje é, acima de tudo, a perda da influência cristã. No entanto, isso é apenas um aspecto. Há muitos outros fenômenos e poderes formativos do presente que em parte têm influência no declínio dos laços eclesiais ou resultam dele, mas em parte também moldam a sociedade atual como fenômeno independente.

Portanto, acima de tudo, eu gostaria de perguntar o que caracteriza a sociedade atual na Alemanha e o que isso significa para as igrejas cristãs e a fé, sem reduzir minhas considerações unilateralmente à perda do poder vinculante da igreja. Nesse contexto, gostaria de apresentar três observações sociológicas.

ACELERAÇÃO: UMA SOCIEDADE “RÁPIDA DEMAIS PARA DEUS” (HARTMUT ROSA)

No ano de 2017, um livro de ensaios intitulado *Rápido demais para Deus?* foi publicado, e, nele, principalmente, os teólogos católicos romanos lidaram com as reflexões do sociólogo Hartmut Rosa.⁴ Ele vê a peculiaridade de uma sociedade moderna no fato de que “ela só pode (ainda) estabilizar-se dinamicamente, [...] ela depende assim sistematicamente do crescimento, da compressão e da aceleração da inovação para manter e reproduzir a sua estrutura”.⁵ Neste contexto, Rosa fala de uma “dinâmica de escalada”:

Por mais bem sucedidos que tenhamos vivido, trabalhado e gerido individual e coletivamente este ano, no próximo ano temos de nos tornar um pouco mais rápidos, mais eficientes, mais inovadores e melhores para manter o nosso lugar no mundo – e no ano seguinte o nível será colocado um pouco mais alto (ROSA, 2016).

Esta observação, porém, leva à perda daquilo para o qual o ser humano foi concebido. Rosa chama isso de “ressonância” (ROSA, 2016). Mesmo os bebês aprendem fundamentalmente com o que podem ler no rosto dos pais, ou seja, o que eles ativam em seus cuidadores primários. A satisfação no trabalho

4 Tobias Kläden/Michael Schüßler (Eds.). *Rápido demais para Deus? Controvérsias Teológicas sobre Aceleração e Ressonância*, QD 286, Freiburg, Br., 2017.

5 Hartmut Rosa, *Uma vida bem sucedida na Sociedade da Aceleração*, in: Kläden/Schüßler, *Zuschnell* (como nota de rodapé 2), 18-51, 20 (destacado no original, minha tradução).

depende, de forma semelhante, dessa ressonância. Outros experimentam ressonâncias na natureza ou na cultura.

Neste contexto, Rosa também pode considerar a fé como “encontro com um *outro* constitutivo”, entre essas relações de ressonância. Mas, assim, a igreja e a teologia também são afetadas pela pressão geral sobre tais espaços de ressonância na sociedade. “[...] medo, estresse e pressão de tempo provam ser ‘assassinos de ressonância’ por excelência: Eles forçam um fechamento em disposição contrária a tudo o que não é intencional num sentido pré-definido [...]” (ROSA, 2016).

Ou, para ser mais franco: O ser humano já não tem tempos e espaços para áreas que não servem diretamente à sua função. No entanto, isso causa, como diz Rosa (2016), “experiências de alienação [...] que continuam a se espalhar”.

PADRÃO: UMA SOCIEDADE DIGITALIZADA (ARMIN NASSEHI)⁶

O fato de a nossa sociedade ou as nossas sociedades se sentirem cada vez mais aceleradas tem a ver com a tecnologia e a digitalização. Enquanto há apenas algumas décadas atrás tive de esperar vários dias até ter a carta de resposta de uma correspondência na minha mão, a troca de informações via e-mail e outros métodos de comunicação muitas vezes leva apenas alguns minutos, se não apenas alguns segundos.

Além disso, nós, seres humanos, devemos competir com máquinas que são agora extraordinariamente poderosas e muito sofisticadas em várias áreas.

Em seu último livro, Armin Nassehi faz a interessante pergunta: Qual é o desafio social para o qual a digitalização é a resposta? Nassehi encontra a razão do sucesso retumbante e da rápida implementação da digitalização no fato de que num mundo que se tornou inteiramente complexo, ela consegue desvendar padrões que tornam a ação possível.

Para dar um exemplo: há um número incontrolável de pessoas neste mundo com interesses muito diferentes. Além disso, e por outro lado, existe uma variedade inumerável de produtos. Dificilmente parece possível, sob tais condições, levar a uma pessoa o que lhe convém e o que lhe interessa. E, no entanto, isto é precisamente o que torna possível ao relacionar dados na estrutura da digitalização. Eu não recebo *qualquer* anúncio exibido no computador, mas o

⁶ Armin Nassehi, Muster. *Teoria da sociedade digital*. Beck C. H. München, 2019.

anúncio adequado a *mim*. E, muito provavelmente, vou comprar o produto se for essencial para mim ou pelo menos me atrair.

Este é exatamente o problema de referência da digitalização tal como o descrevi: a complexa regularidade da sociedade e a não aleatoriedade do comportamento individual. É a experiência contraintuitiva, por assim dizer, que as autodescrições do comportamento individual real correspondem mais ou menos a padrões abstratos e regularidades de natureza social, mas que isto não tem de ser transparente para os próprios atores (NASSEHI, 2019).

É bastante interessante como Nassehi descreve a singularidade dos seres humanos neste cenário. Enquanto as máquinas se tornam cada vez mais rápidas, confiáveis e inteligentes, “É provavelmente um excelente privilégio para o ser humano, não só de cometer erros, mas também de poder cometer erros” (NASSEHI, 2019).

Esta descrição pode ser relacionada com a narrativa de criação: o homem é o único ser chamado à responsabilidade por Deus, sendo a única criatura que possui a sua *singularidade* especificamente *nisso*, mesmo que falhe neste ponto.

METAMORFOSE: MUDANÇAS RADICAIS NO MUNDO (ULRICH BECK)

Em seu último livro, publicado postumamente, o sociólogo alemão Ulrich Beck já não descreve os desenvolvimentos em que nos encontramos como “mudança”, mas como “metamorfose”: “Mudança” implica que muitas coisas mudam, enquanto muitas permanecem as mesmas [...]. A palavra “metamorfose” implica uma mudança muito mais radical: as certezas eternas das sociedades modernas se rompem, e algo completamente novo aparece em cena” (BECK, 2017).

Beck ilustra esta mudança radical com o exemplo da paternidade. Dentro desta estrutura sempre houve mudanças nos modelos, mas apenas as possibilidades de inseminação artificial levaram a uma metamorfose do que poderia ser a paternidade. Aqui não se trata apenas de mudanças, mas de algo completamente novo que, por exemplo, também levanta questões anteriormente desconhecidas e inesperadas. Por exemplo: Como lidar com o fenômeno das mães substitutas? O que falar de um casal de lésbicas ter um filho, que também tem um pai biológico?

Isso leva a novos desafios: as consequências da ação humana e das invenções humanas são difíceis de prever. A ação local e a global não podem mais ser separadas. Por causa da velocidade dos desenvolvimentos e mudanças, Beck reconhece: “Não é vergonha admitir que nós cientistas sociais também estamos a perder linguagem face à realidade que está nos ultrapassando” (BECK, 2017).

Mas pelo menos uma visão parece ter sido estabelecida: “Aqueles que orientam as suas ações para a Nação e se afastam de atravessar as fronteiras nacionais tornam-se perdedores no mundo cosmopolita” (BECK, 2017).

RESUMO E SUPLEMENTOS

Assim, encontramos-nos num mundo em rápida mudança, no qual os espaços de ressonância também para o encontro com Deus tornam-se escassos. A sociedade está se transformando a um ritmo rápido que só pode ser tratado pelo reconhecimento de padrões de máquinas. Além disso, o caráter único do homem parece consistir, na melhor das hipóteses, no fato de que ele pode cometer erros e é responsável por eles. As mudanças dos últimos anos e décadas representam mais do que uma simples mudança contínua, mas, sim, uma “metamorfose do mundo”.

Os movimentos contrários há bastante tempo se tornaram aparentes: o ressurgimento de tendências nacionais e nacionalistas pode e deve causar preocupação. A comunicação rompe barreiras porque as pessoas em suas respectivas “bolhas” e redes trocam ideias com os seus pares e confirmam-se mutuamente. As diferentes opiniões são então imediatamente descartadas como ameaçadoras ou completamente absurdas. E aparentemente no centro deste desenvolvimento está o ser humano, que se encontra em posição de se reinventar repetidamente no contexto de inúmeras possibilidades de decisão.

Como podemos, então, descrever a identidade luterana em tal cenário?

IDENTIDADE

Em primeiro lugar, é preciso notar que ambos, o conceito e a questão da identidade, são fenômenos relativamente novos. Só no século XIX é que o termo “identidade” passou a ser mais utilizado em alemão. Portanto, provavelmente não é coincidência que ocorra precisamente no período histórico em que a sociedade se transformou e começou a se diversificar mais fortemente do que antes.

A questão da identidade pode assim ser sempre entendida como um fenômeno de crise.⁷ Aqueles que estão em busca por sua identidade, têm dúvidas sobre sua identidade ou pelo menos veem a necessidade de esclarecimento. Um livro como o de Hermann Sasse, *O que significa ser luterano?*,⁸ teria sido completamente absurdo no século XVII – não porque todos os alemães saberiam exatamente o que significava ser luterano, mas porque dificilmente poderia ser um tema de discussão para os cidadãos individuais, fossem eles luteranos ou não. A identidade religiosa era dada pela cidadania de um território definido. Além disso, mesmo o estabelecimento de confissões no século XVI não deve ser entendido tanto como um ato de formação de uma identidade confessional no sentido moderno, mas como uma auto localização no âmbito da única santa igreja cristã.

Somente o pluralismo religioso, com suas possibilidades de poder escolher ou não uma determinada denominação, e as transformações de identidade confessional ocorridas, por exemplo, nas tentativas de unir igrejas luteranas e reformadas no século XIX, levantaram a questão da identidade confessional.

Especialmente, porque estamos aqui juntos como teólogos luteranos de diferentes regiões do mundo, deve ser salientado que a questão da identidade confessional naturalmente também surge de uma forma especial em vista da globalização. Percebendo que as igrejas luteranas em todo o mundo moldam sua vida de adoração e organizam suas estruturas de forma bem diferente, podemos perguntar o que constitui a identidade luterana, apesar de todas as diferenças.

A identidade tem sempre a ver com mudança. Tomemos como exemplo uma pessoa. Ela está mudando no decorrer de sua vida e – na melhor das hipóteses – permanece fiel a si mesma em todas as mudanças e transformações entre a infância e a velhice. É a mesma pessoa que é idêntica a si mesma e reconhecivelmente diferente dos outros – e, no entanto, a pessoa de 50 anos difere da de 5 anos e a de 12 anos da de 90 anos de idade.⁹ É como diz o apóstolo Paulo: “Quando eu era menino, falava como menino, sentia como meni-

7 Veja Heinz Abels, *Identidade. Sobre o surgimento da ideia de que o homem é um indivíduo, a reivindicação de individualidade e competência não se realiza facilmente numa era moderna arriscada*. 3.ed. Atualizada e Ampliada, Wiesbaden, 2017.

8 SASSE, Hermann. *Aqui nos firmamos: Natureza e caráter da fé luterana*. Canoas: Editora da ULBRA; Porto Alegre: Concórdia, 2008.

9 Ver Christoph Barnbrock, *Liturgia como expressão da identidade da igreja. Desenvolvimento e uso das agendas do século XIX no espaço da (emergente) antiga Igreja Luterana*. In: KAMPMANN, Jürgen and KLÄN, Werner (Eds.), *Preußische Union, Confissão luterana e marcos eclesiais*. Norma da localização teológica na luta pela reivindicação e alcance da determinação denominacional da igreja. O.U.H. 14, Göttingen 2014, 132-157, 157.

no, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino” (1Co 13.11 – NAA).

A identidade nunca é, portanto, algo fixo, mas é e permanece a ser uma contínua tarefa: “A identidade é um desenho sem fim e, portanto, significa um trabalho contínuo de identidade” (ABELS, 2016, nota de rodapé 16, 8). Isso, por sua vez, implica que: “O indivíduo é por si mesmo e ele deve se encaixar entre suas ideias de si mesmo e as expectativas da sociedade, por um lado, e por outro lado, entre suas ideias de si mesmo em diferentes identidades. A adaptação é o trabalho de ligar o fluxo de experiências biográficas e atuais do indivíduo com as expectativas e recursos do seu ambiente” (ABELS, 2016, nota de rodapé, 16, 433, 2016).

E isso se aplica de forma semelhante não só a indivíduos, mas também a igrejas e denominações.

IDENTIDADE LUTERANA, IDENTIDADE DEFINIDA: FECHADA COM AS SAGRADAS ESCRITURAS E COM O LIVRO DE CONCÓRDIA

Se alguém pergunta por uma identidade luterana hoje, então uma resposta a um nível formal é dada rapidamente: pessoas e igrejas são “luteranas” quando creem e “proclamam o evangelho de Jesus Cristo com base num compromisso incondicional com as Sagradas Escrituras como a Palavra inspirada e infalível de Deus, e com as Confissões Luteranas contidas no Livro de Concórdia como a verdadeira e fiel exposição da Palavra de Deus”.¹⁰

As igrejas que estão particularmente comprometidas com as decisões do Concílio de Trento, ou com as confissões Reformadas, têm uma identidade reconhecidamente diferente – e isso já em nível formal. Assim, todas as tentativas de criar híbridos confessionais se, por exemplo, um teólogo se entende a si mesmo como um “católico evangélico”,¹¹ devem ser tomadas com cautela.

Por outro lado, mesmo com a mera prova de um compromisso escrito e vinculativo confessional, de forma alguma se diz tudo. Esta prova é comparável a uma carteira de identidade. Ela diz algo essencial sobre mim. No entanto, aqueles que ainda não me conheceram, não me conhecerão só porque lhes mostrei a minha carteira de identidade. A minha identidade é mais com-

10 Disponível em: <<https://ilc-online.org/about-us/>>. Acesso em: 24 mar.2020.

11 Cf. Michael Schätzel, o “católico evangélico” Augustinus Sander foi ordenado diácono, SELK. Info n.282, nov.2003, 5f.

plexa do que as letras desta carteira. Aqueles que querem me conhecer terão, inevitavelmente, que falar comigo e me deixar lhes dizer quem eu sou.

O que importa para a nossa identidade como luteranos é como lembramos a história da nossa igreja, o que contamos e o que omitimos, se glorificamos o passado ou também estamos dispostos a encarar os lados obscuros da nossa história. No entanto, este processo não está completo. Em vez disso, mesmo no presente, somos desafiados a colocar continuamente a conexão formal com as Escrituras e a Confissão em novas palavras. O que exatamente apreciamos sobre a herança luterana que nos foi confiada? De que forma a mensagem reformadora fala das circunstâncias do nosso tempo e do nosso mundo? Podemos dizer com Werner Klän: “A confissão [...] não é apenas um recurso a documentos doutrinários de tempos passados, mas a confissão que quer se tornar audível no presente. A confissão é, portanto, antes de mais nada, uma resposta pessoal destinada a entrar em comunicação”.¹²

IDENTIDADE LITÚRGICA

Muitos membros da igreja percebem a identidade luterana de nossas igrejas, especialmente no desenho e celebração de cultos de adoração. Eu poderia nomear várias pessoas que, após uma mudança ou expulsão, assistiram a um culto de adoração no novo local. Mas então eles perceberam que o culto da congregação da igreja local era estranho: “Isso aqui é diferente. Eu não reconheço o culto luterano que eu conheço”. Então, eles se juntaram a uma congregação da Igreja Evangélica Luterana Independente. Sim, não foi por acaso que a formação das igrejas confessionais luteranas na Alemanha no século XIX também começou com questões de culto. Isso moldou sua identidade.¹³

Quando viajo ao redor do mundo, percebo como um grande presente o fato de poder participar de cultos em outros continentes em igrejas irmãs e parceiras que são muito parecidas com os cultos no meu país de origem.

O que eu percebo pessoal e emocionalmente como extraordinariamente positivo, ao mesmo tempo também me faz pensar. Por um lado, é de grande valor que os cultos luteranos em todo o mundo estejam enraizados na tradição

12 Werner Klän, Introdução ao simpósio “Identidade Luterana como compromisso da Igreja”, em: KLÄN, Werner (Ed.). *Identidade Luterana como compromisso da Igreja*. Reflexões sobre o caminho das Igrejas Luteranas na Europa depois do milênio, OUH.E 4, Göttingen 2007, 15-28, 17 (minha tradução, enfatizada no original).

13 Ver Barnbrock, Liturgia (conforme nota de rodapé 18), 157.

da missa da igreja ocidental, garantindo assim a unidade ecumênica. Por outro lado, é bastante marcante que as diferenças entre as ordens de culto nos vários territórios durante o período da Reforma parecem ser em parte maiores do que hoje entre as congregações luteranas confessionais na Europa e nos EUA, na África do Sul e na Austrália.

Por detrás desta observação podem estar escondidos outros aspectos: por um lado, pode ser a alta estima de não jogar descuidadamente a herança litúrgica herdada, de não sacrificá-la no altar de outras teologias e de tirar sem boa causa a pátria espiritual de um grande número de pessoas. Por outro lado, porém, as formas também podem ter aqui um efeito de construção de identidade mais forte do que os conteúdos. Isso poderia, no entanto, pôr em questão, na prática, precisamente o que o CA VII afirma: que para a verdadeira unidade da igreja (poderíamos dizer também: para a identidade da igreja) não é necessário que em toda a parte sejam usadas as mesmas formas de culto empregadas pelas pessoas.¹⁴

Desenvolver ou promover ainda mais uma diversidade de formas que está enraizada na mensagem da Reforma e que se reflete em formas (que não devem ser apenas cópias de outros serviços denominacionais) parece ser significativo no nosso presente fortemente diferenciado. Especialmente, aprender uns com os outros, num contexto mundial parece ser de especial importância neste momento. Por exemplo, eu gostaria de aprender no futuro, muito mais, por exemplo, da liturgia luterana latino-americana, da africana ou da asiática.

IDENTIDADE ECUMÊNICA

Estes pensamentos levam-me à consideração seguinte, a saber, que a identidade luterana nunca pode ser imaginada sem a sua dimensão ecumênica. Entendo ecumenicidade como significando duas coisas: primeiro, a comunhão mundial com cristãos da mesma família denominacional que nós experimentamos aqui na área do Conselho Luterano Internacional; a confissão de que com os primeiros credos, a igreja só pode ser pensada como sendo *uma*.

A *única* santa igreja cristã não termina nas fronteiras da nossa própria família denominacional, tampouco representa meramente a adição de todas as denominações existentes.

14 Ver CA VII, As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. Nova edição completa. Eds. v. Irene Dingel, encomendada pela Igreja Evangélica na Alemanha, Göttingen 2014 [BSELK], 102, 13-15: “E não é necessário que as Igrejas cristãs estejam unidas na sua unidade, que as cerimônias sejam realizadas em toda parte da mesma maneira, quando usadas pelas pessoas [...]”.

Os tempos em que a identidade como igreja luterana só podia ser determinada no contexto nacional próprio de alguém, já passaram desde que os grandes movimentos migratórios do século XIX começaram, mas, certamente, isso está mais claro com a ascensão do século XXI.¹⁵

Como cristãos e membros do corpo de Cristo, nós dependemos uns dos outros. As conversas entre nós podem nos ajudar a deixar que os outros iluminem os pontos cegos que cada um tem no seu contexto cultural.

Assim, o intercâmbio entre nós não deve se limitar a uma transferência de dinheiro e conhecimento das igrejas mais significativas e mais abastadas para as menores e financeiramente mais pobres. Entretanto, é hora de que as igrejas mais antigas aprendam com as igrejas em crescimento, as assim chamadas igrejas jovens em todo o mundo, e levem a sério as perguntas críticas do meio delas¹⁶.

Ulrich Beck afirmou claramente: “Apenas o *quadro cosmopolita* faz com que a ação local tenha sucesso [...]” (BECK, 2017, p.25). Eu creio que o mesmo se aplica às nossas igrejas. Só podemos desenvolver uma identidade luterana para o nosso tempo se superarmos as próprias limitações culturais dos nossos respectivos contextos e entrarmos em diálogo uns com os outros através da compreensão mútua.

As diferenças na forma, organização e foco não devem, no entanto, dar lugar a uma igreja que parece uniforme em todas as áreas do mundo. Mas vale a pena apreciar a diferença, o debate sobre opiniões diferentes, como um presente, para redescobrir a luta pelo melhor argumento – e assim escapar às bolhas da autoafirmação permanente. Pois estas não são mais do que a representação medial do *homo incurvatus in se ipsum*.

CRISTO: CENTRO DA ANTROPOLOGIA E DA DOCTRINA DA JUSTIFICAÇÃO

É precisamente esta descrição de Martinho Lutero do homem que se curva em si mesmo que Hartmut Rosa pega para descrever como o homem moderno vive em um mundo acelerado no qual as relações de ressonância se rompem:

15 Conferir, por exemplo, Christoph Barnbrock, sermões de C. F. W. Walther no contexto dos emigrantes alemães nos EUA. Antecedentes – Análises – Perspectivas, escritos sobre Teologia Prática 2, Hamburgo, 2002.

16 Conferir., por exemplo, David Tswaedi, *Apartheid* na África do Sul. Seu impacto sobre a Igreja Luterana na Missão e *Apartheid*. In: KLÄN, Werner and SILVA, Gilberto da (Hg.), Missão e Apartheid. Um legado inevitável e sua transformação através das igrejas luteranas na África do Sul, O.U.H.E 13, Göttingen 2013, 80-95(96), especialmente 90-95.

Consequentemente, na teologia (Protestante) o estado de ‘pecado’ (no sentido de *superbia*) é então conceituado como uma contrapartida a esta atitude [de ressonância], a saber, como uma atitude que acredita que não é necessária resposta e que Martinho Lutero, portanto, tenta exemplificar com a imagem da ‘alma curvada em si mesma’ (e, portanto, não sendo mais relacionada a ninguém e nada (ROSA, 2016).

As condições gerais do nosso tempo auxiliam as pessoas a se perceberem da mesma forma. Na era digital, de acordo com Nassehi, as pessoas são vistas pelo público, antes de tudo, como “portadores de informação” (NASSEHI, 2019).

Na vida cotidiana moderna, as pessoas são sempre avaliadas em relação a certas regras de processamento de informação em sistemas muito diferentes – como devedores, consumidores ou empregados no sistema econômico, como eleitores ou como bons no discurso no sistema político [...] (NASSEHI, 2019).

Na teologia luterana, no entanto, o ser humano não se reduz à sua função num determinado sistema ou à sua eficiência, mas ele é visto como a contraparte numa rede Deus-homem de fala e ação.

Deus *me* criou. Jesus Cristo *me* redimiu. O Espírito Santo *me* chamou (LUTERO, Catecismo Menor). Eu me vejo como uma pessoa, como uma criatura dirigida e querida por Deus. Ao ouvir fielmente a Palavra, recebo o que dizem as palavras de Deus, como diz Lutero no seu Catecismo Menor:

Certamente não é só o comer e o beber que fazem estas coisas [grandes], mas as palavras aqui escritas: ‘Dado e derramado por ti para o perdão dos pecados. Estas palavras, juntamente com comer e o beber físico, são a coisa mais importante no Sacramento. Quem crer nestas palavras tem exatamente o que elas dizem: ‘perdão dos pecados’.

A esta altura, a distinção dos modos de falar de Deus através da lei e do evangelho desempenha um papel crucial. Isso se refere ao processo de comunicação de Deus – se por um lado, as palavras de Deus arrancam as pessoas do seu mundinho próprio e sem perspectiva, por outro lado, as palavras de Deus dão às pessoas o que elas mais precisam em termos de justiça e graça. Isso, por sua vez, conduz a uma relação inteiramente nova consigo próprias, com o mundo e

com Deus, em que as pessoas se encontram não só como portadoras de função e informação, mas como criaturas de Deus, como pessoas que estão sendo redimidas por Jesus Cristo.

É interessante notar que, na competição com máquinas, o aspecto da responsabilidade e da capacidade de falhar é precisamente uma característica do caráter individual, ou, em poucas palavras, mesmo da dignidade humana. Parece-me que a questão da responsabilidade humana e da forma como o ser humano pode encontrar a graça e a justiça passará por uma renascença, sobretudo nas sociedades industriais.

A fala do julgamento divino e da graça divina, do amor de Deus na cruz e do autoconhecimento do ser humano, que surge da cruz, excede as nossas percepções diárias e até mesmo expande o nosso horizonte perceptivo de uma forma salutar, mas também dá lugar a experiências de aflição, como o meu colega Christian Neddens o descreve:

A teologia da cruz significa uma percepção diferente e nova das coisas. Isto por sua vez é libertador, mas também chocante: porque sinto algo de exposição à força do sofrimento, do meu e de outros, de exposição à violência humana, de exposição à negação racional de Deus. Talvez se possa sentir o quanto a experiência de aflição de Lutero está por detrás desta teologia da cruz.¹⁷

ORATIO, MEDITATIO, TENTATIO: UM CÍRCULO DE RESSONÂNCIAS

Se esta perspectiva sobre a vida continua a ser, à primeira vista, uma visão estranha, coloca-se a questão de como esta identidade luterana encontra a sua posição precisa na vida. Martinho Lutero respondeu a esta pergunta referindo-se aos princípios básicos da oração, meditação nas Escrituras e tentação. Johann Gerhard,¹⁸ como seu sucessor C. F. W. Walther,¹⁹ tentaram compreender estas três práticas como meio de alcançar um hábito teológico que, no entanto, continua a ser um dom de Deus e, portanto, para além de toda a praticabilidade humana.

17 Christian Neddens, *A loucura do mundo e a beleza dos pecadores*. Lutero como um pensador na modernidade tardia (manuscrito inédito), 10 (minha tradução).

18 Cf. Glenn K. Fluegge, Johann Gerhard (1582-1637) e a Conceituação da Teologia na “Era da Ortodoxia”. A marca do teólogo, OUH.E 21, Göttingen, 2018.

19 Cf. C. F. W. Walther, *Teologia pastoral luterana*. St. Louis, 1906.

Pierre Bourdieu entrelaçou bem este conceito de hábito com a questão da própria identidade (ABELS, 2016). Heinz Abels descreve o contexto de Bourdieu desta forma:

O hábito gera repetidamente as formas de prática adequadas ao espaço social. Ele gera também o quadro em que os indivíduos se devem ver a si próprios. Ao ter sido totalmente internalizado, funciona automaticamente como uma nova atribuição constante do indivíduo ao lugar certo (ABELS, 2016, p.362). O hábito produz como que um esquema [...] não só formas específicas de prática, mas também “padrões de percepção e julgamento” (BOURDIEU, 1979, p.279). Isto, por sua vez, gera uma prática social em que uma identidade social é expressa, reconhecida e aceita como a única (ABELS, 2016, p.366).

Através da oração, da leitura das Escrituras e da prova do que foi ouvido e crido na vida cotidiana, alguém poderia afirmar, segundo Bourdieu, que para os luteranos surge uma cosmovisão específica e formas de ação que nunca se expõem de si mesmas, mas que moldam a sua identidade.

O círculo interminável da oração, meditação e da tentação também pode ser compreendido de tal forma que os espaços de ressonância se mantêm abertos para a obra de Deus. Em todas as três áreas (oração, meditação e tentação) a própria experiência está conscientemente relacionada com a ação de Deus ou a ação de Deus com a própria experiência, de modo que as ressonâncias se tornam perceptíveis na própria vida.

É a força do conceito de um *habitus* θεόσδοτος que não cega os domínios humanos de ação e experiência, mas ao mesmo tempo escapa a qualquer forma de sinergia. Torna-se claro como é vital uma *praxis pietatis* para a *formação e preservação* de uma identidade luterana no século XXI. Pesquisas recentes na Alemanha confirmam isso, demonstrando uma clara correlação entre uma formação religiosa experiente ou inexistente e uma religiosidade existente ou inexistente na vida adulta.²⁰

20 Fundação Bertelsmann, Monitoria religiosa – compreender o que está relacionado. Religiosidade e coesão na Alemanha, Gütersloh, 2013, 15f. Disponível em: <https://www.bertelsmann-stiftung.de/fileadmin/files/BSt/Publikationen/GrauePublikationen/GP_Religionsmonitor_verstehen_was_verbindet_Religioesitaet_und_Zusammenhalt_in_Deutschland.pdf>. Acesso em: 28 set.2019.

Se no nosso tempo e no mundo a onda de pluralização é de fato uma das características que definem, e, como afirma Nassehi, a digitalização mostra a sua eficiência, sobretudo no fato de revelar padrões na aparente incontrolável diversidade, que permitem a orientação e a ação, então é evidente redescobrir o modo da ordem, também no domínio teológico.

Quem olhar para a teologia luterana, porém, rapidamente notará que as soluções que ela oferece são frequentemente mais complexas do que as dos seus concorrentes teológicos. Tomemos o exemplo da ceia do Senhor. Tanto a doutrina católica romana como a de Zwínglio sobre a ceia do Senhor, são mais fáceis de entender do que a luterana. Para simplificar, a ideia católica romana de transubstanciação permanece inteiramente no sistema da ontologia da substância medieval e é, portanto, bastante razoável, pelo menos para os mais letrados. A compreensão de Zwínglio da ceia do Senhor, com uma espiritualização da ideia de presença, é facilmente compreensível mesmo ou especialmente para os contemporâneos após a era do Iluminismo.

Por outro lado, a doutrina luterana da ceia do Senhor permanece com a sua adesão à Palavra num espaço interespaçial em que nem todas as questões podem ser esclarecidas racionalmente. O mesmo poderia ser dito sobre a estranha ideia, à primeira vista, de *simul iustus et peccator*, sobre o entrelaçamento da igreja visível e da invisível, sobre a determinação da relação entre Deus *absconditus* e Deus *revelatus*.

Isso parece ser quase uma peculiaridade da teologia luterana. Não dissolver simplesmente fatos complexos, mas manter junto o que parece estar em tensão ou mesmo ser contraditório.

Vejo um risco em trair a identidade luterana neste momento, dissolvendo tais complexidades em favor de respostas mais simples. Thomas Bauer fala da tendência para a “clarificação e simplificação [Vereindeutigung] do mundo”.²¹ Isso conduz, na área da religião, ou a uma secularização, ou a coexistência do divino e do humano é dissolvida unilateralmente em favor do humano.

Alternativamente, a tendência para o fundamentalismo surge, porque perguntas complexas são respondidas com respostas aparentemente religiosas simples. Em ambos os casos, a capacidade de manter juntas inter-relações complexas e aparentemente tensas, não é ou é apenas em pequena medida pronunciada. Bauer fala aqui de “tolerância à ambiguidade cada vez menor” (BAUER, 2018).

21 Thomas Bauer, *A Unificação do Mundo*. Sobre a perda da ambiguidade e diversidade, Ditzingen, 2018 (minha tradução).

Parece-me que isso poderia representar exatamente uma força da teologia luterana no século XXI, que se mostra tolerante à ambiguidade, que ajuda a perceber contextos complexos na sua tensão e a deixá-los como estão, permanecendo assim, dignos de crédito.²²

LIBERDADE E CATIVEIRO, CONFIANÇA EM DEUS E IDENTIDADE

Dentre os escritos de Lutero, um que particularmente torna evidente a complexidade de uma realidade espiritual em interação com a predisposição de cada dia é o seu escrito “Da liberdade cristã”.²³ A dupla descrição do homem como “senhor livre” e “servo” parece ser, pelo menos, paradoxal.

Mas também aqui a eficiência da teologia luterana se mostra. Lutero escapa, por um lado, de uma visão mais restrita que, por medo do antinomismo, acaba de novo em legalidade.. Por outro lado, ele não cai na armadilha de definir a liberdade como arbitrariedade que, no fim das contas, nada mais é do que o homem voltar a curvar-se em si mesmo, mas agora com a consciência tranquila.

A mudança permanente de perspectiva mantém duas partes ligadas: a liberdade conquistada em Cristo e o serviço ao próximo.

É precisamente neste ponto que Oswald Bayer traça um rumo decisivo para a questão da própria identidade: “Na fé, ele [o cristão] vive fora de si mesmo: em Deus – liberto de ter de buscar a sua identidade e realizar-se por si mesmo. Por essa razão, ele pode dispor-se ser o servo de todos” (BAYER, 2007, p.210).

Esta combinação de fé e formação de identidade externa é uma força considerável da teologia luterana, especialmente no nosso tempo. No final das suas reflexões sobre o tema da identidade, Heinz Abels também olha para o fenômeno de que no final das suas vidas as pessoas fazem frequentemente um “balanço autocrítico” e se rendem ao “perigo da resignação”. Opõe-se a isso com a confiança como força, “que em resultado e em forma [...] é sobretudo confiança em si próprio” (ABELS, 2016, p.438, 439).

Duvido que este convite à autoafirmação se mantenha em situações de resignação e de autocrítica. Aqui a teologia luterana oferece uma forma diferente

22 Cf. JobstSchöne, A falsa doutrina do fundamentalismo em contraste com a compreensão luterana da Escritura (1994), in: JobstSchöne, *Embaixador no lugar de Cristo*. Versuche, GroßOesingen, 1996, 83-93.

23 WA 7, 20-38. Cf. Robert Kolb, Libertado para ser comprometido. A Suma da Vida Cristã de Lutero no Contexto Histórico, *LuThK* 43 (2019), 28-48.

de fundamento de identidade, cujo fundamento não é precisamente a autoconfiança, mas a confiança em Deus.

ENFRENTANDO AS MUDANÇAS COM CONFIANÇA EM DEUS

Quanto maiores forem as mudanças, maior será o perigo de nos retirarmos ansiosamente e desejarmos voltar a tempos supostamente melhores e assim procurarmos a nossa identidade exclusivamente nesses tempos dourados.

Isso é plausível em termos humanos, mas em última análise segue um padrão simples, segundo o qual o estado da igreja e do mundo continua a declinar. Mas isso não corresponde à promessa de Jesus de estar com sua igreja todos os dias até o fim do mundo e de enviar o Espírito Santo como conselheiro e consolador. Uma e outra vez, tem havido despertares espirituais salutares, especialmente em tempos em que a condição da igreja era absolutamente desastrosa, como na virada para o século XIX. Não devemos pensar pequeno demais em relação a Deus e excluir esta ideia para o presente ou para o futuro sem ignorar os consideráveis desafios que enfrentamos.

O bem-estar e o sofrimento das igrejas luteranas dependem menos da nossa capacidade de liderar esta igreja do que da nossa confiança em Cristo como o Senhor da igreja – mesmo contra todas as tendências que estão surgindo.

O fato de que não estamos lidando apenas com mudanças suaves, mas, na verdade, com verdadeiras metamorfoses, não só mencionadas por Ulrich Beck, mas também por David Scaer, que descreveu e criticou as metamorfoses em diferentes níveis nas igrejas luteranas há mais de dez anos,²⁴ apesar de usar o termo de forma um pouco diferente de Beck.

O próprio Beck também apresenta ideias surpreendentes nas suas reflexões. Para ele, os desenvolvimentos nunca são apenas lineares. O que tem um efeito catastrófico num lugar, pode abrir novas possibilidades e oportunidades noutra. Ele usa o seguinte exemplo: “A estiagem que elas [mudanças climáticas] estão causando em uma área podem levar a um *boom* na produção de vinho em outro lugar (BECK, 2017, p.35).

É claro que um fenômeno não compensa o outro, mas abre os olhos para o fato de que as mudanças são, muito raramente, somente negativas ou apenas positivas, mas que, mesmo no caso de avanços ameaçadores, surgem oportunidades que vale a pena aproveitar.

24 David Scaer, A Metamorfose do Luteranismo Confessional, *CTQ* 71 (2007), 203-217.

Isso me parece também verdade para a questão das igrejas luteranas e da teologia luterana no século XXI. Muitas tendências se opõem – de uma perspectiva humana – àquilo que nós, como teólogos luteranos, defendemos. Mas ao mesmo tempo também surgem novas áreas de ação, algumas das quais eu indiquei com esta apresentação.

A rica herança da teologia luterana dos séculos passados será a nossa bênção. No entanto, somos desafiados a reconsiderar e repensar os desafios do nosso tempo. Um dos bispos da Igreja Evangélica Luterana Independente, Jobst Schöne, resumiu-o uma vez da seguinte forma: “Não se pode encontrar as respostas apenas caindo na tradição, pois são novos desafios que enfrentamos”.²⁵

Assim, a tarefa de moldar a identidade luterana nunca está concluída, mas continua a ser um “trabalho permanente” (ABELS, 2016, p.432). Ao mesmo tempo, temos que lembrar que a nossa identidade como filhos de Deus e irmãos e irmãs de nosso Senhor Jesus Cristo já não precisa ser trabalhada, mas nos é dada com o batismo e continua a ser o ponto de referência decisivo para a nossa identidade ao longo das nossas vidas. Todo o trabalho sobre a identidade eclesial e denominacional é então secundário, sem se tornar obsoleto. Mas quem realmente somos e como somos identificados, no final das nossas vidas, é definido e moldado apenas por Cristo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABELS, Heinz. *Identität: Über die Entstehung des Gedankens, dass der Mensch ein Individuum ist, den nicht leicht zu verwirklichenden Anspruch auf Individualität und ... riskanten Moderne zu finden und zu wahren*. 3.ed. Springer VS, 2016.

BAUER, Thomas. *Die Vereindeutigung der Welt: Über den Verlust an Mehrdeutigkeit und Vielfalt*. [Was bedeutet das alles?]. 4. ed. ReclamVerlag, 2018.

BAYER, Oswald. *Martin LuthersTheologie*. Eine Vergegenwärtigung. Tübingen: JCB Mohr, 2003.

BECK, Ulrich. *Die Metamorphose der Welt*. Berlin: Suhrkamp Verlag AG, 2017.

NASSEHI, Armin. *Muster: Theorie der digitalen Gesellschaft*. München: Beck C. H., 2019.

ROSA, Hartmut. *Resonanz*. Berlin: Suhrkamp Verlag AG, 2016.

²⁵ Jobst Schöne, reflexões e pensamentos sobre questões de igreja e comunidade eclesial. In: Klän, *Identität* (cf. nota 24), 29-45, 43 (minha tradução).